

No Entrecruzamento De Linguagens

Defrontar-se com esta exposição de Dora Longo Bahia, na Galeria Luisa Strina, resulta num impacto visual muito forte. Ela nos coloca perante um primoroso diálogo entre pintura e fotografia, oferecendo ao olhar extasiantes paisagens, jogos de vibrações de cores e ritmos exacerbados que se originam em diferentes focos de luz e no entrecruzamento de linhas coloridas.

Por isso, estes novos trabalhos de Dora trazem lembranças das terras conturbadas e barrocas de Glauber Rocha e dos fragmentos críticos do Tropicalismo.

A exposição leva a pensar no dilaceramento do artista contemporâneo quando colocado ante o embate entre arte e política, pintura e fotografia e, principalmente, traduz a perplexidade diante do futuro, nas condições do presente.

As pinturas e as fotografias de Dora insistem na discussão de um assunto ao refletir sobre o mundo circundante e expressam a necessidade da pesquisa de linguagem para avançar em outras possibilidades da arte.

Falar do Mundo

Estes trabalhos de Dora dizem respeito aos impasses da civilização brasileira, a partir do mito da civilização atlântica, simbolizado nas paisagens do litoral e do interior das terras de Eldorado de Glauber Rocha ou do Novo Mundo de Montaigne. Estas paisagens captadas fotograficamente por Dora tratam das dificuldades ou obstáculos da história brasileira e latino-americana que não consegue se desenvolver plenamente nem a partir do mar, nem da floresta.

As incisões nas pinturas e nas fotografias parecem mostrar a artista numa posição realista e desencantada reagindo compulsivamente contra o passado e o presente portadores de uma visão de mundo futuro paradisíaco – ou uma utopia não realizada. Por isso, Dora interfere com riscos contra a paisagem, flagrando um momento de percepção do tamanho do abismo a ser enfrentado: pode ser até que a violência surja como a metáfora das dificuldades para mudar Eldorado.

Nas pinturas das paisagens encobertas por sombras, com tonalidades quase surreais, compondo espaços de interregnos, os riscos e incisões aparecem como negação e como positividade. Se criticam a história lenta, periférica e redutora, também mostram a posição de resistência da artista, ao reagir com a luminosidade das linhas traçadas ou cavadas à penumbra do ambiente, ao jogar movimento anárquico e multidirecional dos sulcos na silenciosa e morosa paisagem tropical e ao insinuar a possibilidade da violência como fato principal desta sociedade.

Nas fotografias, transformadas em desesperadas caixas de luz para reagir à escuridão circundante, Dora inclui a presença do sujeito humano, mas um sujeito etéreo, feito de luz, decompondo-se em linhas, frente à imensidão da Mata Atlântica. Qual a força do homem diante da natureza e da sociedade, quando ambas são brutais? Por isso, estas fotografias da artista sugerem mistério de fatais encontros entre homem e natureza, homem e sociedade. Dora inclui elementos de estranhamento que desordenam uma lógica prevista para os ambientes reproduzidos nas fotografias e nas pinturas. As caixas de luz traduzem uma poética da relação claro e escuro que se abate sobre os habitantes desta Ilha do Novo Mundo. O sujeito que está presente nestas fotografias parece um espectro: as vezes um religioso ou místico no seu ritual, um andarilho sem destino ou até um guerrilheiro à espera do fatal inimigo.

Possibilidades da Linguagem

Nesta exposição, Dora realiza deslocamentos de suportes e de linguagem e não poderia ser diferente quando ela também discute as condições da arte em apreender o mundo. Transposições das potencialidades da fotografia para a pintura – e vice-versa, e a instalação como síntese destes processos da arte constituem as atuais preocupações da artista.

O mar, caldo da origem, remete imediatamente à pintura. Dora dedica-se a minuciosos detalhes de pinceladas, criação de áreas planares de cores, mas no interior de uma estrutura dada pela reprodução fotográfica. Assim, discute as possibilidades da pintura ou da fotografia, numa época de convivência de múltiplos suportes, de ampliações da linguagem e da tendência da desmaterialização da obra. Esta exposição mostra que continua valendo a pena experimentar a liberdade na arte. Idéias e conceitos convivem com a

materialidade. A pintura ressurge num frescor ligado ao caldo de origem e a fotografia ganha matizes inusitados.

Os riscos e linhas de diversas cores são recursos de linguagem e, simultaneamente, símbolos da posição da artista no mundo. As incisões servem para mostrar que Dora trabalha a superfície de uma tela ou de uma película plástica. Além de signos, as incisões conduzem o olhar para depois das camadas de tinta, fazendo-o alcançar a trama da tela ou escorregar na exterioridade da superfície da foto. Fazem perceber a intencionalidade da construção da obra e não deixam esquecer que se discute pintura e fotografia.

Nestes trabalhos a idéia de fronteira torna-se tênue, anunciando intercâmbios e sobreposições de linguagens. Paradoxalmente estas trocas podem ocorrer, mantendo a especificidade de cada linguagem. Se a instalação aponta para passagens, o mar é pintura, a floresta é fotografia. Mas qual é o limite entre praia e mata? Talvez por isso esta exposição de Dora esconde mais do que mostra, joga mais problemas do que explicita soluções.

Neste jogo de tensões os insistentes riscos/incisões, numa lógica caótica, impedem que o olhar entenda cada obra como uma janela do mundo ou como um cenário para ser mergulhado. Assim como a história coloca obstáculos à plena realização da civilização, Dora também coloca obstáculos ao olhar, não deixando de frisar que a arte cria uma outra realidade, com códigos próprios.

A faixa de cores utilizada por Dora revela que a artista não está preocupada em reproduzir paisagens naturais, mas falar de transformações e (im)possibilidades da história e da arte, pois tais cores denunciam a presença e a proximidade industrial e tecnológica. O efeito visual produzido é o da luminosidade do néon e não do luar. Intensos verdes, vermelhos e azuis expressam mais o mundo *kitsh* e *pop* e menos os matizes encontrados na natureza.

Riscos coloridos, vestígios de incisões, deformação da imagem numa curvatura barroca, cores e tons não realistas e estranhas relações de luz e sombra são experimentados para apontar outros recursos de linguagem para a pintura, a fotografia e a instalação. Valorizando cada uma das possibilidades, tanto a artista quanto o olhar do observador gozam da liberdade de passar de uma situação para outra, aproveitando ao máximo a potência – arte.

Miguel Chaia

Núcleo de Arte, Mídia e Política – PUC-SP

28/05/2002